

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

A FOTOGRAFIA EM TEMPOS
DE TRANSFORMAÇÃO (1972-1982)

FILIPe FIGUEIREDO
PAULA GOMES MAGALHÃES



COMUNA TEATRO DE PESQUISA

A FOTOGRAFIA EM TEMPOS
DE TRANSFORMAÇÃO (1972-1982)

Fundada a 1 de maio de 1972, a Comuna – Teatro de Pesquisa nasce de um impulso coletivo que cedo define a sua identidade: um teatro feito em comunidade, sem hierarquias, centrado no ator enquanto criador e na relação direta com o público. O nome do coletivo, escolhido por votação popular (através de um programa de rádio), reafirma essa vocação participativa. Desde a origem, a Comuna afirma-se como um espaço de experimentação, valorizando tanto o processo criativo quanto o produto final.

Os primeiros anos da companhia foram marcados por uma prática profundamente experimental, quer ao nível do repertório, quer dos espaços de apresentação. A estreia de *Para onde is?* (1972), espetáculo construído a partir de Gil Vicente e fotografado por José Marques, inaugura um percurso guiado pela inquietação e pela procura de novas formas de fazer teatro. Ensaios em ginásios, coletividades e casas particulares, bem como apresentações em espaços improvisados – como a garagem da Praça José Fontana –, acabaram por formatar a estética das produções.

A necessidade de adaptação aos espaços disponíveis implicava uma reinvenção constante do fazer teatral, dando origem a propostas que se ajustavam às circunstâncias, explorando novas formas de relação entre atores, cena e público. A precariedade inicial converteu-se,

FILIFE FIGUEIREDO

FACULDADE DE DESIGN, TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO – UNIVERSIDADE EUROPEIA (IADE-UE) / CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

PAULA GOMES MAGALHÃES

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

deste modo, numa marca identitária assente na proximidade, mobilidade e centralidade do corpo do ator. A instalação do coletivo no casarão cor-de-rosa, na Praça de Espanha, em março de 1975 – espaço que ainda hoje ocupa –, não altera este impulso criativo.

Nos primeiros anos de atividade, a Comuna apresenta espetáculos que acompanham a turbulência dos dias: primeiro num contexto ainda marcado pela ditadura, e depois em plena transformação política e social, após a Revolução de Abril. Projectos como *A ceia I* (1974), *A ceia II* (1974), *A cegada* (1974) ou *Era uma vez* (1975) inscrevem-se numa lógica de forte envolvimento com a realidade do país, refletindo um teatro crítico e atento à aceleração dos acontecimentos. O período pós-revolucionário acentua a dimensão participativa e interventiva da Comuna. A criação coletiva torna-se uma prática recorrente, patente em obras como *Fogo* (1976), *O muro* (1976) ou *Síssurica* (1979), onde a colagem de textos, as referências históricas e a multiplicidade de vozes constroem uma dramaturgia fragmentada, mas acentuadamente crítica. Paralelamente, a presença de autores como Bertolt Brecht reforça a dimensão política da cena, a par de revisitações de textos clássicos, como *Guerras de alecrim e mangerona* (1979), e da abertura a dramaturgias de matriz alegórica e satírica, como *O dragão* (1980).

As imagens dos espetáculos evidenciam essa energia coletiva: composições de grupo, corpos em tensão e uma expressividade que traduz a urgência de pensar e intervir sobre a espuma dos dias. O corpo do ator assume-se como principal veículo de sentido através de gestos intensificados, em articulação com dispositivos cénicos mínimos. Nos espetáculos da Comuna, são o gesto, o olhar e a presença que constroem a ação e estruturam a relação com o público. A grande proximidade entre intérpretes e espectadores, bem como a ocupação do espaço, revelam um teatro em permanente construção e reforçam

a dimensão participativa e partilhada da experiência teatral que as fotografias tão bem refletem.

A fotografia esteve presente desde o início do percurso do coletivo, em 1972, como um elemento natural, contribuindo não apenas para a sua documentação mas também para a consolidação de uma identidade. Em mais de 160 espetáculos produzidos até ao momento reconhecem-se mais de 40 fotógrafos, estando a autoria de muitos dos trabalhos ainda por identificar. Seja pela mão de fotógrafos profissionais, como José Marques, João Tuna, Susana Paiva, Bruno Simão, etc., ou de amadores e membros do coletivo que também registavam ensaios e espetáculos (Abílio Apolinário, Carlos Delgado – que chegou a ter estúdio para a fotografia no espaço da Comuna –, Luís Vasco ou Renato Godinho, entre outros), a efemeridade das produções da Comuna encontrou continuamente nas imagens fotográficas e nos cartazes a memória possível.

A par da qualidade das imagens, importou sempre a comunhão dos fotógrafos com o coletivo, traço comum a outras companhias que atravessam este período, o que justifica a continuidade de trabalho com alguns dos fotógrafos (por exemplo, Bruno Simão fotografou mais de 20 espetáculos; João Tuna, 14; Susana Paiva, 10; e Pedro Sena Nunes realizou 10 vídeos).

Nos primeiros dez anos de atividade da companhia (1972-1982), todos os 24 espetáculos foram fotografados, sendo possível identificar os fotógrafos responsáveis, com exceção de sete deste conjunto. Jorge Barros e Luiz Jorge de Carvalho, que nesta época fotografam também para A Barraca, assinam as fotografias de cinco e de dois espetáculos, respetivamente. José António Paveia fotografa *Brincadeiras* (1973) e o residente Luís Vasco, que fará as imagens de outros espetáculos em anos posteriores, fotografa *Serena guerrilha* (1981).

Já conhecido dos membros do coletivo, José Marques foi uma escolha natural e imediata para fotografar os primeiros espetáculos. João Mota cruzara-se ainda jovem com o fotógrafo, na Companhia Amélia Rey Colaço/Robles Monteiro, e o apreço pelo seu trabalho ditou o convite inicial. No seu testemunho para o documentário *Entre-Vistas: José Marques, fotógrafo em cena* (Figueiredo, Madeira & Flores), João Mota recorda: “Criei a Comuna e foi o Marques o primeiro logo a tirar fotografias”, sublinhando a sua capacidade de leitura da cena: “Ele sabia ler os espetáculos. (...) e esse lado de saber ver, quase que é semiologia, os sinais, os ângulos que ele escolhia, era maravilhoso, quase como se fosse cinema, digamos assim, em fotografia; pode ser pintura, se quiserem também. As figuras jogavam primeiros planos com segundos. (...) O sr. Marques, para tirar as fotografias, via os ensaios e via várias vezes o espetáculo.”

Foram estas qualidades e a familiaridade que se verificaram logo nas primeiras imagens de *Para onde is?* (1972). Nelas, depreende-se uma forte comunhão, visível nas fotografias de bastidores, nos ensaios e na preparação do espetáculo. Na documentação de *Homem morto, homem posto* (1979), a par das fotografias de cena, surgem imagens dos camarins, enquadramentos aproximados e grandes planos do rosto dos atores no seu processo de caracterização plástica. No mesmo ano, o espetáculo *Guerras de alecrim e mangerona* (1979) é documentado em múltiplos ensaios, tal como era habitual no trabalho de José Marques já no Teatro Nacional. E, para além das fotografias de cena mais “estáveis”, José Marques vai ensaiando outras em que arrisca os arrastamentos das personagens no palco e assume uma dimensão mais experimental, alinhada com o gosto que foi desenvolvendo ao longo da sua carreira de fotógrafo de cena e tão adequado ao período que se vivia.

Fruto do trabalho de José Marques, mas também dos outros fotógrafos, assim como do método de trabalho da companhia, as fotografias deste período são marcadas por um carácter inovador, nem sempre destacado face ao seu peso documental. Os espaços diminutos e improvisados, não convencionais, as novas relações palco-público, além de sistemas de iluminação pouco sofisticados, conduzem a imagens de planos inesperados, vistas picadas, enquadramentos que carregam os espetadores para junto do palco e dos atores, um recorte das cenas iluminadas em alto contraste, fundos negros de onde emergem rostos expressivos, corpos que se arrastam e assumem uma dimensão espectral, gestos que se gravam na prata, reconfigurando na expressiva gramática do preto-e-branco a tensão das personagens vividas em palco.

Ao longo desta fase inicial, a companhia constrói uma identidade assente na pesquisa contínua e na valorização do ator como elemento central. Tal como noutras companhias da altura, a fotografia desempenha um papel fundamental na preservação dessa memória, fixando não apenas os espetáculos, mas também a energia e o processo de um teatro em constante transformação.



REFERÊNCIAS

Figueiredo, F., Madeira, C., & Flores, T. M. (Realização). (2019), *Entre-Vistas: José Marques, fotógrafo em cena* [Documentário]. Teatro Nacional D. Maria II. <https://www.youtube.com/watch?v=Ks4f-DTH-ak>.

AGRADECE-SE A COLABORAÇÃO DE AFONSO DA SILVA NA ELABORAÇÃO DESTE PORTEFÓLIO
E NA IDENTIFICAÇÃO DAS IMAGENS. OUTROS AGRADECIMENTOS: ROSÁRIO SILVA E CARLOS PAULO.



Para onde is? (Uma viagem aos Auto da alma e Auto da barca do Inferno, de Gil Vicente),
versão cénica e encenação de João Mota, Garagem da Praça José Fontana, 1972
(Madalena Pestana, Francisco Pestana, Luís Lucas, Fernando Loureiro, João Mota), [F] José Marques.



→ ***Para onde is?*** (Uma viagem aos *Auto da alma* e *Auto da barca do Inferno*, de Gil Vicente),
versão cénica e encenação de João Mota, Garagem da Praça José Fontana, 1972
(Manuela de Freitas), [F] José Marques.



Feliciano e as batatas, de Catherine Dasté e François Lauzon, versão cénica e encenação de João Mota, Garagem da Praça José Fontana, 1972 (elenco), [F] José Marques.





- ← **Brincadeiras**, criação coletiva, versão cénica e encenação de João Mota, Armazém da Fábrica de Cervejas Portugália, 1973 (Carlos Paulo e João Mota), [F] José António Paveia.
- ↑ **Brincadeiras**, criação coletiva, versão cénica e encenação de João Mota, Armazém da Fábrica de Cervejas Portugália, 1973 (Francisco Pestana e Madalena Pestana), [F] José António Paveia.



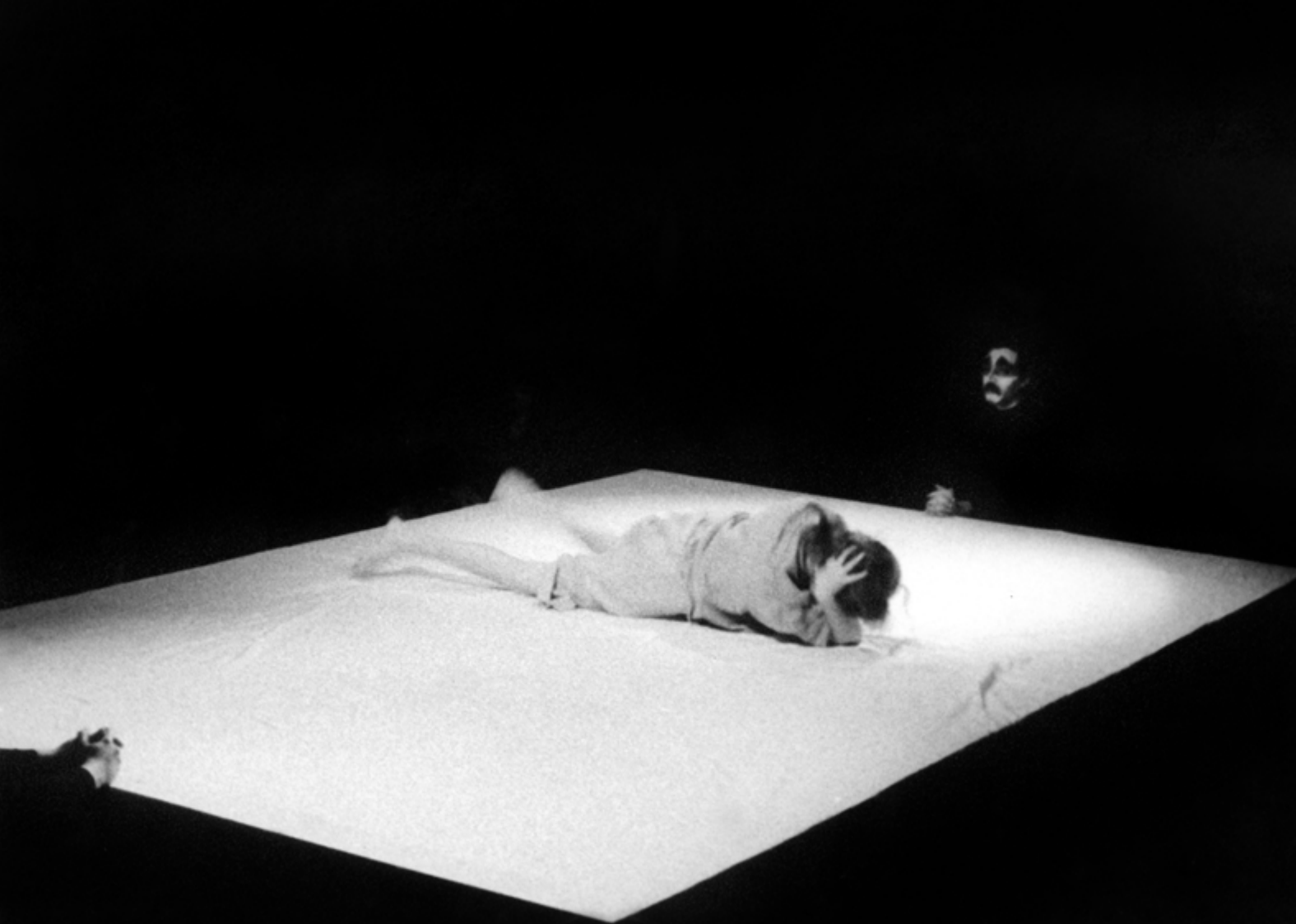
↑ **A ceia I**, criação coletiva (recolhas de Brecht, Gil Vicente, Antero Quental, Bíblia, Corão, Vinícius de Moraes e Mário Dionísio), versão cénica e encenação de João Mota, Armazém da Fábrica de Cervejas Portugália, 1974 (Carlos Paulo), [F] José Marques.

→ **A ceia I**, criação coletiva (recolhas de Brecht, Gil Vicente, Antero Quental, Bíblia, Corão, Vinícius de Moraes e Mário Dionísio), versão cénica e encenação de João Mota, Armazém da Fábrica de Cervejas Portugália, 1974 (João Mota), [F] José Marques.





A ceia I, criação coletiva (recolhas de Brecht, Gil Vicente, Antero Quental, Bíblia, Corão, Vinícius de Moraes e Mário Dionísio), versão cénica e encenação de João Mota, Armazém da Fábrica de Cervejas Portugália, 1974 (Manuela de Freitas e Carlos Paulo), [F] José Marques.



↑ **A ceia I**, criação coletiva (recolhas de Brecht, Gil Vicente, Antero Quental, Bíblia, Corão, Vinícius de Moraes e Mário Dionísio), versão cénica e encenação de João Mota, Armazém da Fábrica de Cervejas Portuguesa, 1974 (Manuela de Freitas e Francisco Pestana), [F] José Marques.

→ **A ceia I**, criação coletiva (recolhas de Brecht, Gil Vicente, Antero Quental, Bíblia, Corão, Vinícius de Moraes e Mário Dionísio), versão cénica e encenação de João Mota, Armazém da Fábrica de Cervejas Portuguesa, 1974 (Manuela de Freitas, Carlos Paulo e Francisco Pestana), [F] José Marques.



Era uma vez, adaptação de *A fábula*, de Alfredo Nery Paiva, versão cénica e encenação de João Mota, Armazém da Fábrica de Cervejas Portugália, 1975 (Manuela de Freitas, Carlos Paulo e Gabriela Morais), [F] não identificado.





← *Bão I*, de João Mota, versão cénica e encenação de João Mota,
Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1975 (João Mota), [F] Jorge Barros.

↑ *Bão I*, de João Mota, versão cénica e encenação de João Mota,
Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1975 (Melim Teixeira e João Mota), [F] Jorge Barros.

Fogo, criação coletiva (a partir de recolhas de textos de: Ésquilo, autos da Inquisição, Grupo de Cristãos de Bogotá, D. Hélder Câmara, Camilo Torres, Hitler, Pinochet, Franco, Salazar, Che Guevara, Mao Tsé Tung, Amílcar Cabral e Samora Machel), versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1976 (Francisco Pestana, Manuela de Freitas, Melim Teixeira, Jean-Pierre Tailhade, João Mota e Carlos Paulo), [F] José Marques.





← **Fogo**, criação coletiva (a partir de recolhas de textos de: Ésquilo, autos da Inquisição, Grupo de Cristãos de Bogotá, D. Hélder Câmara, Camilo Torres, Hitler, Pinochet, Franco, Salazar, Che Guevara, Mao Tsé Tung, Amílcar Cabral e Samora Machel), versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1976 (Manuela de Freitas), [F] [José Marques].

→ **Fogo**, criação coletiva (a partir de recolhas de textos de: Ésquilo, autos da Inquisição, Grupo de Cristãos de Bogotá, D. Hélder Câmara, Camilo Torres, Hitler, Pinochet, Franco, Salazar, Che Guevara, Mao Tsé Tung, Amílcar Cabral e Samora Machel), versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1976 (Manuela de Freitas), [F] [José Marques].





↑ **O muro**, adaptação de *As aventuras de João sem Medo*, de José Gomes Ferreira, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1976 (Melim Teixeira), [F] Jorge Barros.

→ **O muro**, adaptação de *As aventuras de João sem Medo*, de José Gomes Ferreira, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1976 (Carlos Paulo), [F] Jorge Barros.





← *O muro*, adaptação de *As aventuras de João sem Medo*, de José Gomes Ferreira, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1976 (Francisco Pestana e Carlos Paulo), [F] Jorge Barros.

O muro, adaptação de *As aventuras de João sem Medo*, de José Gomes Ferreira,
versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1976
(elenco e público), [F] Jorge Barros.

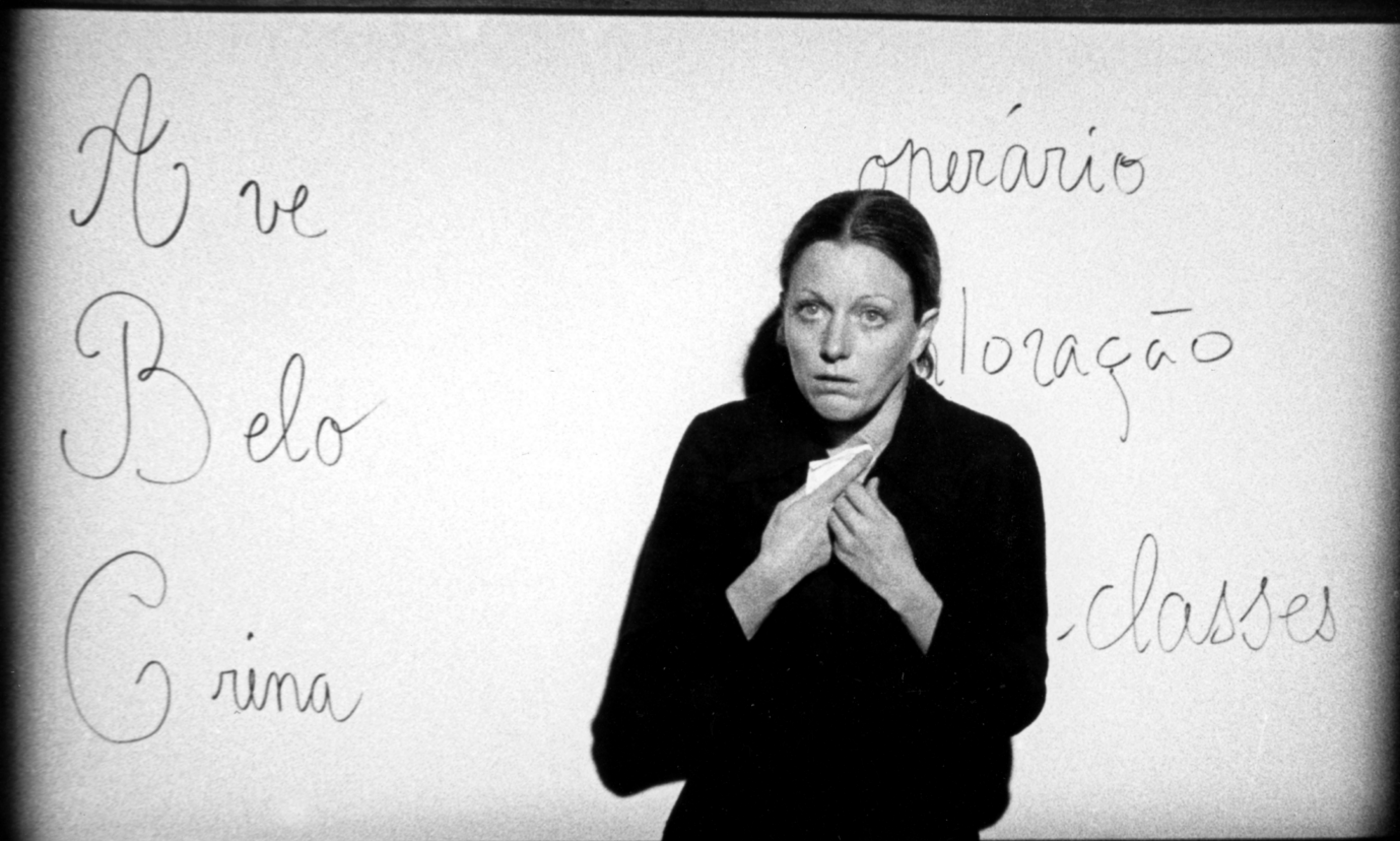




↑ **A mãe**, de Bertolt Brecht, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1977 (Carmen Marques, Manuela de Freitas, José Mário Branco e Jorge Gonçalves), [F] José Marques.

→ **A mãe**, de Bertolt Brecht, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1977 (Francisco Pestana e Manuela de Freitas), [F] José Marques.





Homem morto, homem posto, de Bertolt Brecht, versão cénica e encenação de João Mota,
Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1979 (Francisco Pestana e Madalena Pestana), [F] não identificado.





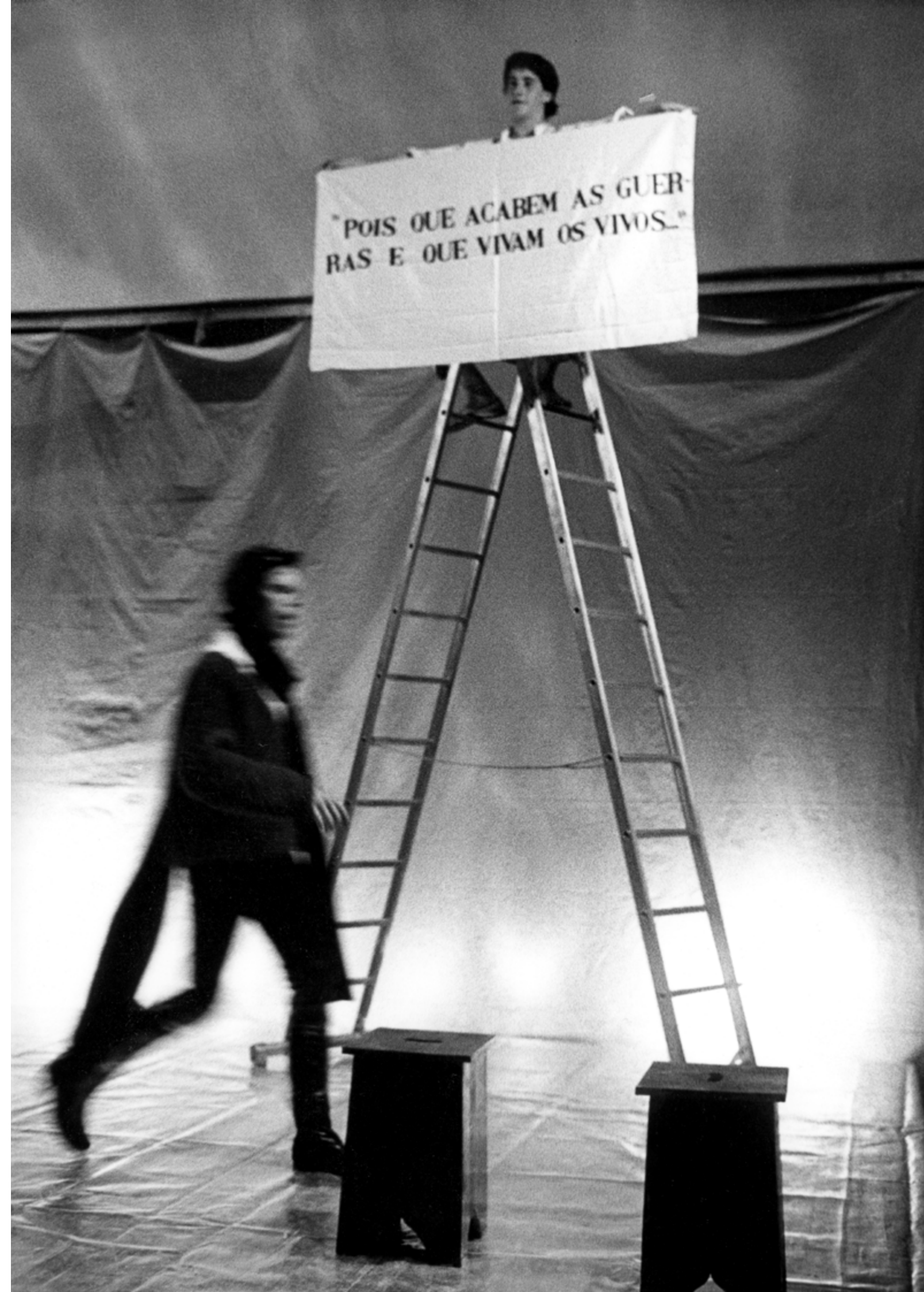
Homem morto, homem posto, de Bertolt Brecht, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1979 (elenco) [F] [Jorge Barros].

→ *Síssurica*, criação coletiva inspirada num poema de Jorge de Sena,
versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1979
(Miguel Guilherme, Pedro Wilson e atriz não identificada), [F] Jorge Barros.



Guerras de alecrim e mangerona, de António José da Silva (*O Judeu*), versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1979 (Pedro Wilson e restante elenco), [F] José Marques.





Guerras de alecrim e mangerona, de António José da Silva (*O Judeu*),
versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1979 (elenco),
[F] José Marques.



↑ **O dragão**, de Evgeni Schwartz, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1980 (Carlos Paulo e Francisco Pestana), [F] José Marques.

→ **O dragão**, de Evgeni Schwartz, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1980 (Carlos Paulo e ator não identificado), [F] José Marques.



- ← *As despedidas da grã-duquesa*, de Bernard da Costa, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1980 (Pedro Wilson), [F] [José Marques].
- ↗ *As despedidas da grã-duquesa*, de Bernard da Costa, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1980 (Lia Gama e Pedro Wilson), [F] José Marques.

As despedidas da grã-duquesa, de Bernard da Costa, versão cénica e encenação de João Mota,
Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1980 (Lia Gama e Pedro Wilson), [F] José Marques.





↑ **Em frente da porta do lado de fora**, de Wolfgang Borchet, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1980 (ator não identificado), [F] não identificado.

→ **Em frente da porta do lado de fora**, de Wolfgang Borchet, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1980 (Lia Gama), [F] não identificado.



Em frente da porta do lado de fora, de Wolfgang Borchet, versão cénica e encenação de João Mota,
Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1980 (Lia Gama e João Mota), [F] não identificado.



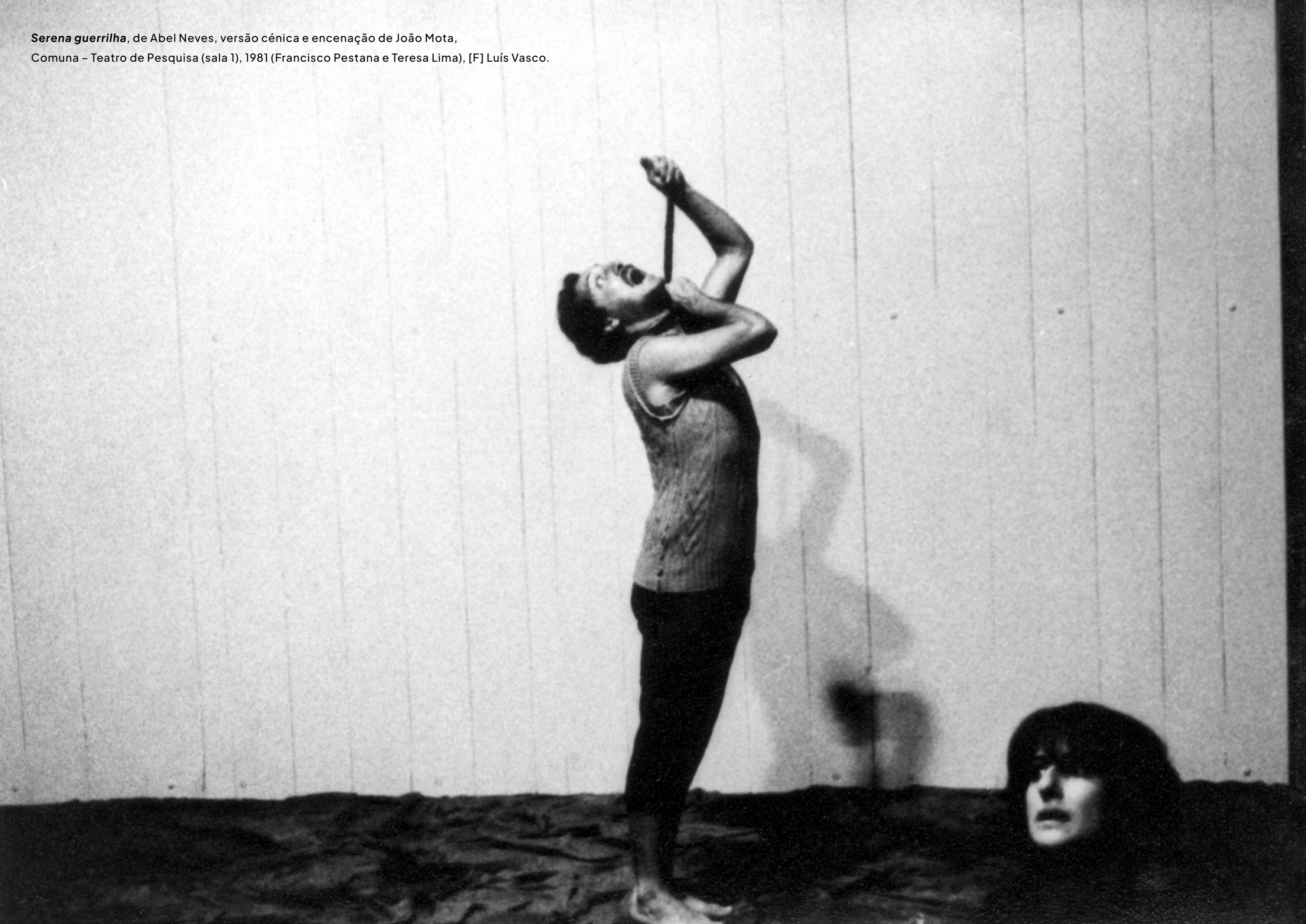
Em frente da porta do lado de fora, de Wolfgang Borchet, versão cénica e encenação de João Mota,
Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1980 (Cármén Marques), [F] não identificado.





Deix'ós poisar, de Carlos Paulo, Francisco Pestana, Abel Neves, Gil Vicente e Fernando Pessoa, versão cénica e encenação de João Mota, Café-Teatro da Comuna, 1981 (Carlos Paulo), [F] não identificado.

Serena guerrilha, de Abel Neves, versão cénica e encenação de João Mota,
Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1981 (Francisco Pestana e Teresa Lima), [F] Luís Vasco.





↑ **Serena guerrilha**, de Abel Neves, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1981 (Joel Constantino), [F] Luís Vasco.

→ **Serena guerrilha**, de Abel Neves, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1981 (Joel Constantino, Francisco Pestana e Miguel Guilherme), [F] Luís Vasco.



→ ***Serena guerrilha***, de Abel Neves, versão cénica e encenação de João Mota,
Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1981 (Carlos Paulo e Francisco Pestana), [F] Luís Vasco.





A viagem, de Abel Neves, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1982 (elenco), [F] José Marques.



A viagem, de Abel Neves, versão cénica e encenação de João Mota, Comuna – Teatro de Pesquisa (sala 1), 1982 (elenco), [F] José Marques.